



ANÁLISE TEMPORAL E TAXA DE INCIDÊNCIA DO HIV NO BRASIL: UMA PERSPECTIVA EPIDEMIOLÓGICA

DAIANE PEDREIRA DOS SANTOS; HYLLA DE ALMEIDA CARNEIRO; JACIANE SANTANA DE MENEZES; RAYSSA SEIXAS LOPES SA; KEVEN WALLACE ALMEIDA CARDOSO

RESUMO

Introdução: A taxa de incidência do HIV no Brasil, avaliada pelo SINAN, reflete a evolução temporal da epidemia, revelando variações regionais e grupos de risco. Esses dados são cruciais para orientar políticas de saúde, alocação de recursos e avaliação da eficácia das estratégias preventivas contra o vírus, considerando aspectos históricos, demográficos e distribuição estadual da doença. **Material e Métodos:** Este estudo ecológico descritivo analisou a distribuição e tendência temporal do HIV no Brasil no período entre 2018 e 2023, utilizando dados do SINAN para estimar taxas de incidência estratificadas por gênero, com base na população do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SINDRA). **Resultados e Discussão:** Nos últimos 5 anos, houve uma redução moderada na prevalência de HIV entre homens, alinhada aos padrões nacionais que destacam maior incidência nesse grupo devido à falta de foco em campanhas preventivas para heterossexuais e à escassez de estudos comparativos. Estereótipos de "masculinidade hegemônica" influenciam comportamentos de risco como multiparceria sexual, uso de drogas e álcool, aumentando a vulnerabilidade ao HIV. Em relação à mortalidade por AIDS, os homens representam 70,6% dos óbitos registrados no Brasil até 2017, com menor adesão ao tratamento antirretroviral (63,3% com adesão insuficiente/regular), o que pode contribuir para resistência viral e disseminação do HIV multirresistente. Embora a incidência de novos casos tenha declinado, especialmente durante a pandemia de 2020-2021 devido a subnotificações, as metas globais de combate ao HIV não foram alcançadas devido a desigualdades no acesso ao tratamento. Investimentos substanciais do governo brasileiro a partir de 2023 resultaram em uma queda significativa nos casos de HIV, evidenciando a eficácia contínua das iniciativas de prevenção e educação necessárias para reduzir a transmissão do vírus. **Conclusão:** A análise da tendência temporal e taxa de incidência do HIV no Brasil, com base nos dados do SINAN, revelou variações no número de casos ao longo do tempo, oferecendo insights cruciais sobre a evolução da doença, gêneros mais impactados e eficácia das intervenções. Essas informações são essenciais para orientar políticas de saúde, alocação de recursos e implementação de estratégias de prevenção eficazes contra o HIV.

Palavras-chave: Tendência; Transmissão; Casos; População; Prevalência

1 INTRODUÇÃO

O HIV, ou vírus da imunodeficiência humana, é um retrovírus que afeta o sistema imunológico, comprometendo sua capacidade de combater infecções e doenças. Desde sua identificação nas décadas de 1980 e 1990, o HIV se tornou uma das maiores preocupações de saúde global, desencadeando uma epidemia que afeta milhões de pessoas em todo o mundo. Transmitido principalmente por meio de relações sexuais desprotegidas, contato sanguíneo e da mãe para o filho durante a gravidez, parto ou amamentação, o HIV não tem cura, mas pode

ser controlado com o uso de terapia antirretroviral.

Sendo assim, a taxa de incidência do HIV é uma medida crucial para compreender a dinâmica da epidemia, que varia consideravelmente entre diferentes regiões e populações, sendo influenciada por uma variedade de fatores, incluindo comportamentais, socioeconômicos e políticos. Além disso, é de suma importância para orientar políticas de saúde, direcionar recursos e implementar orientações eficazes e assertivas, visto que a partir dessa análise é possível monitorar as tendências temporais do HIV, identificar grupos de maior risco e ainda avaliar eficácia das estratégias de prevenção implementadas. Com isso, o objetivo deste resumo expandido é dissertar sobre a tendência temporal e taxa de incidência do HIV no Brasil com base nos dados fornecidos pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), atrelados, especialmente, as questões de gênero e a queda da incidência do HIV nos últimos anos.

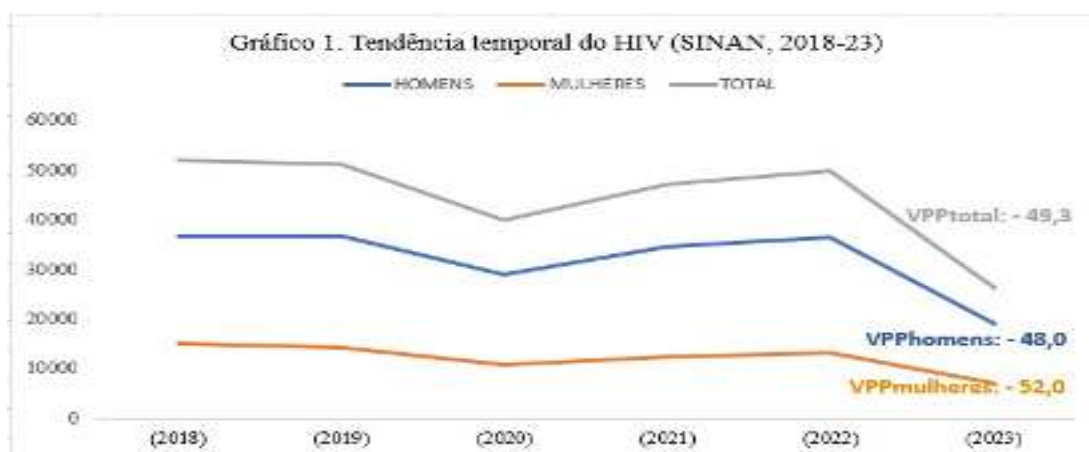
2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de estudo ecológico, com finalidade descritiva, considerando a distribuição, tendência temporal e taxa de incidência do HIV no Brasil, entre 2018 e 2023. Os casos sobre essa doença, das pessoas vivendo com HIV foram provenientes do SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação).

Com o objetivo de avaliar a tendência temporal e taxa de incidência, foram estimadas as frequências no período citado, estratificados por gênero. Com o intuito de desenvolver análise descritiva dos novos casos da doença ou evento de interesse em uma população específica, ajudando a avaliar a rapidez com que uma doença está se espalhando ou ocorrendo em uma determinada população. Para a série temporal, foram estimadas as taxas anuais e calculadas as variações proporcionais percentuais (VPP) para todo o período analisado, do total, em homens e em mulheres. Enquanto os cálculos da taxa incidência, foram utilizados dados populacionais, provenientes da análise baseada no Sistema IBGE de Recuperação Automática (SINDRA), tabela 7358.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

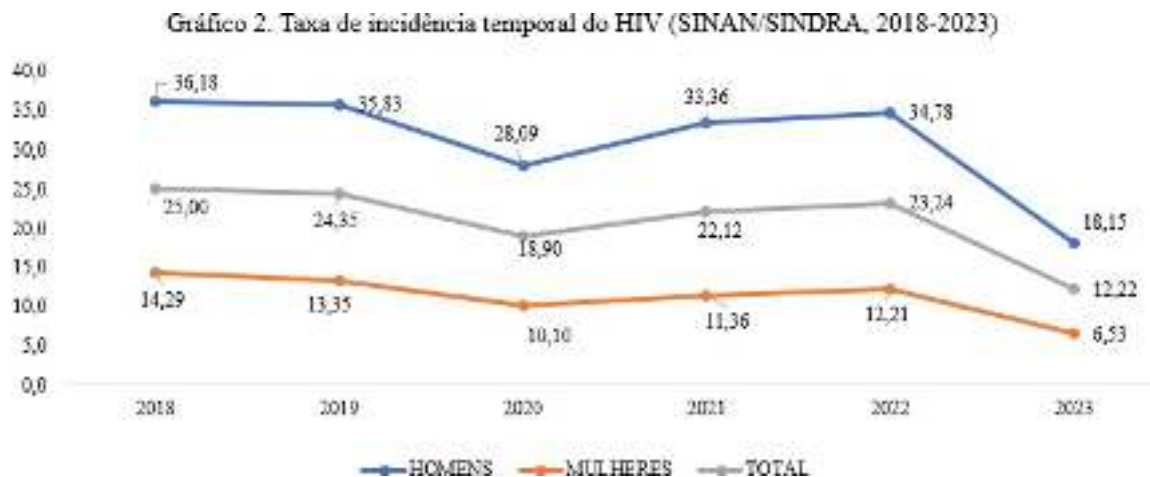
Com os dados coletados entre os anos de 2018 e 2023, seguindo os métodos citados acima, chegamos aos seguintes resultados:



Analisando o Gráfico 1, podemos inferir que entre o ano de 2018 e 2023, houve uma redução no número de homens e mulheres vivendo com HIV. Todavia, ao longo desses anos houve uma oscilação de nas taxas de HIV em ambos os sexos, então, podemos analisar que existe uma tendência variável, que em um momento aumenta e outro diminui, no entanto, é finalizada com uma tendência decrescente. Logo, esses dados sugerem uma tendência de

redução na prevalência do HIV ao longo dos anos estudados.

Adiante, obteve-se os seguintes dados sobre a taxa de incidência de pessoas vivendo com HIV no Brasil:



Realizando uma análise do gráfico 2, nota-se que entre 2018 e 2023 existe uma variação no número de novos casos da doença, logo, assim como o gráfico acima, temos uma taxa de incidência variável. Porém, podemos afirmar que apesar da oscilação, existe um declínio, principalmente no ano de 2023, na transmissão do HIV. Em 2018 a taxa era de 25 tendo uma pequena redução em 2019 para 24,35, e uma queda abrupta em 2020 para 18,90, ano que se iniciou a pandemia, nos anos subsequentes, houve novamente um aumento, porém não chegou ultrapassar o ano de 2018, sendo 2021 para 22,12 e 2022 para 23,24 e por fim, em 2023 ocorreu uma queda muito maior que 2020, sendo no valor de 12,22.

Referente aos resultados obtidos na avaliação da tendência temporal dos últimos 5 anos, verificou-se uma redução menor de pessoas vivendo com HIV entre os homens. Estes dados concordam com a literatura nacional, que mostra padrões de acometimento maior entre o gênero masculino. Corrobora para isso o fato de uma parte da população masculina, os heterossexuais, se serem pouco enfatizados nas campanhas de prevenção ao HIV e a pequena produção de estudos sobre aids com homens que se identificam como heterossexuais quando comparados aos HSH, profissionais do sexo e usuários de drogas. As questões de gênero são impostas especialmente nas relações entre homens e mulheres e nas relações entre homens com outros homens, em razão do que se denomina de “masculinidade hegemônica”. Práticas como a multiparceria sexual, o consumo de drogas ilícitas e o consumo de bebidas alcoólicas, que podem contribuir para a vulnerabilidade ao HIV, acabam sendo naturalizadas e não associadas a uma maior vulnerabilidade ao HIV (Knauth *et al*, 2020). Cumpre assinalar que o modelo hegemônico de masculinidade instituído pela sociedade é um fator que pode influenciar na vulnerabilidade masculina à infecção pelo HIV/Aids, visto que contribui para que o homem não assuma as mudanças comportamentais necessárias para a prevenção da transmissão do vírus (Moraes *et al*, 2014).

Segundo Knauth *et al* (2020) essas diferenças aparecem também nos dados de mortalidade por aids, em que a razão de sexos observada no ano de 2017 é de vinte óbitos entre os homens para cada dez óbitos entre as mulheres, sendo 70,6% do total de óbitos registrados no Brasil de 1980 a 2017 ocorrendo entre os homens. Vale destacar que também se nota uma menor adesão dos homens ao tratamento antirretroviral. De acordo com Moraes *et al* (2014) “63,3% dos participantes apresentaram nível de adesão “insuficiente/regular”, o que confere uma adesão insuficiente para o sucesso do tratamento, por não manter o nível de carga viral

indetectável.” Dessa forma, a baixa adesão pode representar uma ameaça à saúde pública, pois aumenta a probabilidade de resistência viral, proporcionando um tratamento com baixa perspectiva de controle da replicação do HIV, bem como na disseminação de um vírus multirresistente.

Ao concluir a coleta de dados, foi atestado uma aparente redução na incidência de novos casos nos períodos que se estende de 2018 a 2023. Essa redução, em especial no contexto de pandemia 2020-2021, segundo (Fonseca et.al, 2023), pode ter sido ocasionada pela não documentações ou não notificações durante a pandemia, e irrefutavelmente expõe a clara redução geral desses valores em comparação a anos anteriores, e para isso se conecta principalmente as medidas de restrições de contágio de COVID-19. Cabe ressaltar que mesmo os números sendo de declínio, a UNAIDS, apontou, de acordo com um relatório, que as metas globais de combate ao HIV/Aids em 2020 não foram alcançadas, embora destaque avanços no combate à epidemia, a desigualdade em acesso ao TARV é significativa. (Bernado, 2020).

Todavia os casos tiveram uma queda ainda mais vertiginosa no de 2023, mesmo o contexto pandêmico já tendo sido superado. Tal queda se conecta, sobretudo, às diversas medidas que o governo federal vem adotando no intuito de mitigar essa doença. Tanto que, apenas nos primeiros nove meses de 2023, o investimento ultrapassou o valor de R\$ 1,7 bilhão em medicamentos para HIV – já são R\$ 157 milhões a mais que o montante aplicado no ano passado inteiro. Além disso, entre as ações para eliminar a epidemia, estão a retomada do tratamento das mais de 140 mil pessoas vivendo com HIV ou aids que foram prejudicadas em 2022 e a recente criação da Comissão Nacional de HIV, Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis, a Cnaids (Brasil, 2023). Sendo assim, uma vez que, o gráfico é finalizado com uma redução de incidência no ano de 2023, prova que os programas de prevenção e educação estão dando certo e que devem ser continuados, para reduzir ainda mais a transmissão do HIV.

4 CONCLUSÃO

Objetivando entender sobre a tendência temporal e taxa de incidência do HIV no Brasil e utilizando o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), foi possível identificar tendências de acréscimo e decréscimo do número de casos ao decorrer do período inspecionado. Em suma, a análise da tendência temporal e taxa de incidência do HIV no Brasil, baseada nos dados do SINAN, oferece conhecimentos significativos sobre as tendências da doença, os gêneros mais afetados e a eficácia das intervenções em curso. Além disso, a taxa de incidência do HIV é crucial para compreender a evolução da epidemia, sendo modificada por uma variedade de fatores. Essa compreensão é fundamental para guiar políticas públicas de saúde, alocar recursos de forma eficiente e implementar estratégias de prevenção eficazes. Esta abordagem detalhada permite uma visão abrangente da dinâmica da epidemia, contribuindo para a melhoria contínua das estratégias de saúde pública relacionadas ao HIV.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Jorge Sousa. Reflexões sobre os processos de cuidado do HIV/AIDS no Brasil durante a pandemia de COVID-19. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Saúde simplifica tratamento e investe R\$ 1,7 bilhão para eliminar HIV e aids como problemas de saúde pública. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/noticias/2023/outubro/ministerio-da-saude-simplifica-tratamento-e-investe-r-1-7-bilhao-para-eliminar-hiv-e-aids-como-problemas-de-saude-public>. Acesso em 14 de maio de 2024.

DA FONSECA, Arthur Henrique Silva et al. IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 SOBRE A TAXA DE INCIDÊNCIA DE AIDS NAS REGIÕES BRASILEIRAS. **Revista CPAQV-Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 15, n. 2, p. 6-6, 2023.

MORAES, D. C. DE A.; OLIVEIRA, R. C. DE; COSTA, S. F. G. Adherence of men living with HIV/AIDS to antiretroviral treatment. **Escola Anna Nery**, v. 18, n. 4. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/mn4Y8HByCj7htfnQftpd5Bp>.

KNAUTH, D. R. et al. O diagnóstico do HIV/aids em homens heterossexuais: a surpresa permanece mesmo após mais de 30 anos de epidemia. **Cadernos de saúde pública**, v. 36, n. 6. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/xDFFhtkF89JM65GDhWwTHPj>. Acesso em 19 de abril de 2024.